

Arte Pública e Graffiti

Identificação:

Grande área do CNPq.: Ciências Humanas
Área do CNPq: Linguística, Letras e Arte.
Título do Projeto: Arte Pública no Espírito Santo desde 1990.
Professor Orientador: José Aparecido Cirillo
Estudante PIBIC/PIVIC: Isabela Machado Breda

Resumo: *Com as discussões sobre Arte Pública crescendo e que quase não se sente no âmbito da vivência contemporânea PRATAS(2008), o graffiti, manifestação artística atual de caráter transgressor, entra para o sistema de Arte Pública por estar no espaço público passando por uma higienização pelo sistema de disputa da arte na cidade. A discussão desta pesquisa leva em conta o espaço público e como a visibilidade se comporta no trânsito desse espaço. Apresenta-se a caracterização sofrida por essa manutenção da arte pública reforçar a elite e o poder econômico cultural da sociedade e os conceitos do graffiti que se encontram em flutuação se transpassam aos conceitos de arte pública ao ser combatido para ser aceito.*

Palavras chave:

arte pública, arte urbana, graffiti, pichação

1 – Introdução:

Caso imagine algum trajeto pela rua de uma cidade - uma capital - que não contenha rabiscos, cores desbotadas ou tinta passada por cima da parede, imaginou-se uma cidade interiorana ou utópica. Picho, *graffiti*, é a imagética realista da cidade, lugar em que vemos o caos e o negamos. Essa negação dá o caráter efêmero do graffiti – o ilegal. Para limpar o nome sujo de pichação dentro do que validam a arte, retira-se todo o resquício do espaço público. Este por sua vez “assumem na contemporaneidade a importantes articuladores do fragmento que cada vez mais caracteriza a sociedade” FURTADO (2011). É na observação desse fragmentos que podemos investigar e analisar os termos e como eles são empregados tanto para a formação de um olhar como a construção de uma memória coletiva Cirillo (2018) mesmo ainda que esse se comporte de maneira invisível Menezes (1987). Maderuello (2001) já desperta o olhar do leitor quando intitula *La perdida del pedestal* que a arte agora não tem a necessidade de uma constituição aurática, de validação do artista consagrado. Para tal, a arte agora, é de um cidadão comum. Com isso posto, discute-se esses conceitos dentro da grande gama de pesquisa da arte pública que se estende agora a arte urbana que remete ao grafite que é colorido geralmente criado para algum evento ou encomenda, a arte de rua que é traduzido do termo *street art* porém sua tradução não contempla o termo arte de rua que engloba vários outros tipos de arte como teatro de rua, circo, mímica entre outros. Graffiti é erroneamente traduzido para o termo grafite no Brasil, a tradução que contemplaria seria o termo pichação com ‘x’ e o pichação com ‘ch’ para escritos de propaganda, poesia, frases políticas entre outros.

2 – Objetivos

Objetivo geral

Alavancar discussões da arte pública aos conceitos do fenômeno graffiti

Objetivo específicos

- A Arte Pública e o espaços públicos
- Arte Pública e o Graffiti

3 – Metodologia

O despertar dessa pesquisa veio com a leitura de toda produção do II Seminário Internacional sobre Arte Pública da América Latina que ocorreu em Vitória - Espírito Santo, organizado pelo orientador desta pesquisa José Aparecido Cirillo. As 614 páginas da coletânea deste seminário me possibilitou ter contado contato com diferentes escritas sobre o espaço público que é o grande norteador da pesquisa de Arte Urbana e Arte Pública. Os diversos textos sobre Arte Pública me pôs em contato com diferentes ângulos do pesquisador escrever sobre o espaço público e principalmente como o público pode ver o objeto de arte pública.

O texto de Lamounier (2011) Pereira foi muito importante pois explica como é a obra de Arte Pública e todas as rupturas que ela sofre estando no espaço público e como ela conversa diretamente com o graffiti e grafite. Outro olhar que a pesquisa seguiu e se apoiou foi em o artigo de Waldemar Zaidler (2011) que também foi publicado na Revista da PPGA Farol no ano de 2013. O autor também tem vivências artística e de pichação na grande São Paulo com outro autor do graffiti como Celso Gitahy e o artista Alex Vallauri. Waldemar é assertivo ao dissertar sobre a arte pública que fator sócio-cultural modula o público pra ver a pichação como algo a ser desprezado e não como algo a ser comentado e discutido como um fenômeno do nosso contemporâneo. Ademais a coletânea Arte Público - Espacios Políticos foi uma placa de aviso que ajudou a me indicar diversos caminhos para a pesquisa.

4 – Discussão e Conclusões:

Para a discussão de Arte Pública, convém trazer a questão da obra de arte que sai de sua redoma de proteção como os museus e galerias. A obra de arte em seu *habitat* natural se refugia e tem seu conforto, ela tem seu enquadramento, como se encaixasse no cubo branco estabelecido pelo museu. A obra de arte que está posta no espaço público passa por questionamentos por causa dessa ruptura fora do muro que a cerca. De acordo com Buren (2001):

“a arte pública se insere num universo distinto que passa pela discussão sobre os espaços público e privado, além das discussões sobre a encomenda pública, a intervenção urbana, a especificidade do lugar e a necessidade de diálogo com o público no momento da instalação da obra” Buren (2001)

Nessa dinâmica que atinge a obra de arte o espaço público é a maior problemática que temos para a discussão sobre Arte Pública e Arte Urbana. É no espaço público que ocorre as divergências entre elas e que também as une. O espaço público imaginário deveria ser concebido para todos porém estamos sempre com incertezas sobre esses espaços públicos. Zaidler (2011), reflete sobre a caracterização do espaço

público nesse cenário imaginário “ *se [...] em função da possibilidade qualquer pessoa possa estabelecer com a obra, a questão se esbarra nas barreiras psicológicas, culturais ou sociais que podem ser interpostas entre a pessoa e a obra*”, são com essas “barreiras” que o autor nos faz compreender que o espaço não é tão público assim. Pois se por um lado temos esse espaço público que é “livre” como as ruas, praças e edifícios temos também o espaço visual ou visualidade que advém dessa materialidade do espaço público que essa sim pode-se compreender como de todos porém se apresenta como o privado aberto ao público. Não podemos fazer o que queremos com essa visualidade pois ela é privada mas aberta ao nosso visual. Com isso Maderuello (2001) disserta sobre a configuração de um edifício ou um monumento público que as motivações delas existirem que nada mais é a ideologia dominante e sempre contêm significados e valores. Para tal, a ideia da arte pública não se encaixa em um modelo ou material que se reconheça apenas ao olhar e identificar como Arte Pública. O que se assemelha entre as obras de arte pública é sempre o discurso que existe sobre a obra considerada Arte Pública, o autor afirma que o uso indiscriminado sobre qualificar a arte pública está pleiteado apenas pela obra estar em espaço público. Com esse discurso Maderuello traz de forma incisiva a motivação da obra existir juntamente com “o selo de qualificação” de “ser arte”, para esse discurso de poderíamos fazer diversos adendos para a discussão de validação da arte e depois passaríamos para a validação de ser Arte Pública. Porém nesta pesquisa ateu-se a Arte Pública e os espaços políticos.

Para a disputa do espaço público para a realização da obra de Arte Pública Zaidler (2011) cita 5 motivações para a obra surgir:

- 1) instituições do Estado e administrações governamentais; 2) instituições privadas - comerciais e culturais (incluindo nestas as religiosas e os museus públicos), autarquias, empresas de economia mista etc.; 3) a indústria cultural; 4) o próprio artista e/ou sua comunidade; 5) e ainda instituto culturais privados e organizações não governamentais, que entram no cenário como organismos articuladores da sociedade civil e de modo sistemático, no Brasil, há pouco mais de três décadas.

Para cada item citado pelo autor, pode-se compreender que cada uma dessas disputas geram enunciados com discursos diversos sobre a Arte Pública e, o único item que representa o povo/cidade, a massa não faz parte da elitização da Arte Pública, que é o item número 4, os demais estão associados a elitização da cultura e é desse modo que como Bonomi (2007, p 27) cita: “ *a arte pública não enfeita a cidade nem a transforma num museu ao ar livre. Ela pressupõe muito mais do que isso. Ela se impõe o dever de resgatar a formação do olhar da população e ao mesmo tempo o de se adequar ao entorno por sua inserção social no urbano*”. Das 5 disputas pelo espaço público 4 delas conseguem se instalar usando o seu poder de elite de posição social e econômica. A formação do olhar que os transeuntes têm da arte que o atravessa na cidade não o representa. Contudo a disputa de número 4) o artista e/ou a comunidade é o item que agora explora-se em discussão, é com a comunidade de rua que começa nos anos 60 vinculada aos movimentos de censura no Brasil e eternizados com o Maio de 68 na França também trazido da cultura de rua dos Estados Unidos origem do graffiti nos anos 80 juntamente com a ascensão do *hiphop*.

As manifestações artísticas de arte pública e seus conceitos vêm se modificando ao longo do tempo pois no espaço público urbano há sempre a contestação da arte¹. Por isso foi possível estender a discussão inclusive para a escultura que sempre foi indiscutivelmente posta como principal obra da Arte Pública pois permitiu então que o graffiti que por mais que não seja considerado como obra de arte a priori entra para essa discussão. Pratas (2008) ainda afirma que por mais que a escultura e o graffiti tenham relações diferentes com o meio social que a cerca a escultura como meio erudito e superior e o graffiti como popular e o que alcança o transeunte comum. Para o assunto de Arte Urbana e suas manifestações Pratas (2008) cita:

Hoje é comum ouvir a expressão a cidade como museu a céu aberto e pensar em várias contribuições artísticas [...] . No entanto, as cidades registam efectivamente inúmeras variantes nas manifestações artísticas, algumas autorizadas, ou não. Foi aliás este crescimento que permitiu em grande medida que o “mundo da arte”, como sejam os teóricos, críticos e artistas, reflectisse, sobre o que - dentro de todas as demonstrações cívicas, individuais ou coletivas, efêmeras e permanentes que se constroem na rua - pode-se Os museus à céu aberto como Pratas (2008)

A expressão museu à céu aberto de imensos murais em São Paulo que ficou conhecido com MAAU - Museu Aberto de Arte Urbana nos revela de acordo com Teixeira (2018), o processo de curadoria da cidade - o mesmo processo que Zaidler (2011) cita nas disputas por espaço - não é o artista/ou comunidade de rua, do movimento cultural do graffiti ligado a contravenção que está expondo nesse local. Pois nesses espaços de Museu à céu aberto temos os fluxos da rua, das intervenções ilegais, reunindo a diversidade que o espaço público dispõe a cultura de rua. Assim, quando esse espaço público recebe a normatização das manifestações artísticas elas cessam e ao invés desse lugar receber o fluxo que existia naturalmente nesse espaço, produzem a segregação do local combatidos com violência TEIXEIRA (2018).

Para tal, a discussão de Teixeira (2018) que auxilia a compreender as nuances do graffiti e o sistema de arte que o coloca como arte que “por evocar contradições férteis e se localizar no limiar de uma série de categorias historicamente balizadoras no sistema de arte, embaralhando-as”. Pois, por mais que se afirme que o graffiti atue na contravenção, na ilegalidade, na transgressão as formas de poder cultural da Arte Pública que Zaidler (2011) citou, Teixeira (2018) nos exemplifica como acontece essa flutuação de conceitos:

Sua apropriação e flertes com o sistema da Arte, com as políticas públicas e com os movimentos do capital de forma geral produzem híbridos significativos como a construção de políticas públicas ou o patrocínio de instituições privadas, o slogan a logomarca, o mural na fachada das lojas de madames, o comercial da lanchonete fast food ou sua utilização como vacina anti-pixação em condomínios de classe média. Decoração ou imagem ardida. alargando a pauta da cidade caligrafia a nível arquitetônicos. Graffiti Gourmet, graffiti old

¹ Este é um conceito desenvolvido por Duchamp no século XX que se estende aos dias de hoje. PRATAS (2008)

school, graffiti malokêro, Movimentam nesse amplo espectro essas e outros personagens, jogando entre si, conceitos que flutuam.

Afim de continuar alavancando a discussão entre o graffiti ser um braço da Arte Pública conclui-se que a normatização do graffiti, sem a característica primordial dele - a transgressão - seguido de uma higienização com curadoria desses espaços e o combater do fluxo desses espaços urbanos habitados pela comunidade de arte de rua é que aproxima. Portanto a Arte Pública assimila o graffiti com arte legítima do espaço urbano unida a formação do olhar pelas elites e a manutenção social e cultural que a Arte Pública sempre manteve.

6 – Referências Bibliográficas:

II Seminário Internacional sobre Arte Pública en Latinoamérica - Arte Público y Espacios Políticos: Interacciones y fracturas en las ciudades latinoamericanas”. Volume I. C/Arte Projetos Culturais. Vitória - ES. 2011.

_____ FURTADO,

_____ ZAILLER, Waldemar. **Graffiti versus Grafite**. 2011.

BUREN, Daniel. **Daniel Buren: textos e entrevistas escolhidos**. Rio de Janeiro, Centro de Arte Helio Oiticica. 2001.

CIRILLO, José. BELO, Marcela. CELANTE, Ciliane. **ATENÇÃO ARTE**. Proex – UFES. 2018.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MADERUELLO, Javier.

_____ **La perdida del pedestal**, Madrid, Círculo de Belas Artes, 1994.

_____ **Poéticas del Lugar: Arte Pública en España**, Madrid, Fundación Cezar Manrique, 2001.

_____ **Arte e Público: naturaleza y ciudad**, Madrid, Fundación Cezar Manrique, 2001

MENESES, Ulpiano. (1980). **O objeto material como documento**. Reprodução de uma aula ministrada no curso "Patrimônio cultural: políticas e perspectivas" organizado pelo IAB/CONDEPHAAT em 1980. Biblioteca Museu de arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

PRATAS, Cristina Cruzeiro, **A Escultura. Na cidade. É Pública (?)**. Periódicos Universidade de Lisboa Faculdade de Belas Artes - Teoria N11, 2008.

TEIXEIRA, Carolina Tiemi Takya. Curanderias, **Fugas e Corpo-território em útero-urbe**. Anais Poéticas da Criação, Vitória - ES 2018. Disponível em https://issuu.com/josecirillo/docs/poeticas_2018_anais-parte_2_pages_3